

GONÇALVES, Williams da Silva, A Segunda Guerra Mundial. In: FILHO, Daniel Aarão. FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste (org). *O século XX*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005, p. 165-193.

Apontamentos sobre a escrita da história: a Segunda Guerra Mundial em questão

*Luiz Fernando Rodrigues Lopes
Estudante de Graduação em História
Departamento de Artes e Humanidades - UFV¹.*

Priscila Maria Weber

*Estudante de Graduação em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul -
RS (UNISC).²*

O artigo “A Segunda Guerra Mundial” de Williams da Silva Gonçalves, presente no livro *O século XX*, é um tanto quanto elucidativo para o entendimento da lógica, dos problemas, e da dinâmica da maior guerra da história da humanidade.

Não nos limitaremos à descrição dos fatos e dos acontecimentos relatados pelo autor no texto, mas buscaremos perceber o que de mais relevante a obra apresenta para a compreensão do tema estudado, principalmente o que diz respeito às mudanças

¹ Bolsista de Iniciação Científica/FAPEMIG com o projeto “Vigias da Fé - A presença dos Familiares do Santo Ofício nas Minas setecentistas” (orientação do Prof. Dr. Ângelo Adriano Faria de Assis).

² Bolsista do CNPq com o projeto “Identidade, Etnicidade e Educação no Vale do Rio Pardo” (coordenação do Prof. Dr. Mozart Linhares da Silva). E-mail: priscilamariaweber@yahoo.com.br

historiográficas que influenciaram na compreensão dos estudos referentes à Segunda Grande Guerra.

Segundo Williams, a visão sobre este conflito, até fins da década de 1950, foi marcada pelo consenso entre os historiadores sobre o que – ou melhor, *quem* – foi o responsável por desencadeá-lo. Ninguém objetava à afirmação de que aquela tinha sido a guerra de Hitler. Seu desejo de tornar a Alemanha a nação mais poderosa do mundo, subjuguando todas as demais, havia se combinado perversamente com a covardia dos demais estadistas europeus, que não souberam conte-lo no momento certo, tornando então a guerra *inevitável* (GONÇALVES, op. Cit).



Soldados durante a II Guerra Mundial

O autor ressalta ainda, que dentro desse consenso havia duas correntes interpretativas: a *Liberal*, que dava mais ênfase à questão do totalitarismo desumano e antidemocrático, e a *Marxista*, que atentava para a face mais agressiva e autoritária do imperialismo capitalista. Estas primeiras mudanças certamente foram muito importantes, pois já colocavam o historiador ou estudioso da temática a par de reflexões dos fatores sociais envolvidos.

Entretanto, ainda se tinha uma concepção um tanto maniqueísta dos acontecimentos, sendo aos poucos superado por novos pensadores que se propunham trabalhar diretamente com uma nova forma de interrogar a realidade com os estudos sobre a cultura e representação de uma comunidade, ou um país, uma nação, como se propunha A. J. P. Taylor, que passa a questionar uma visão fatalista, como passa em 1961 com a publicação de *The Origen Of the Second War*.

O autor percebe os grandes homens de Estado não tão autônomos, mas defensores dos interesses nacionais de seus respectivos estados. Desta perspectiva, segundo Gonçalves, à parte da suástica, às camisas pardas e outros emblemas do regime nazista, Hitler deu continuidade a uma estratégia que já se havia definido anteriormente. Tal idéia segue à esteira de novas perspectivas historiográficas que surgiram no mesmo momento histórico, visões estas menos dicotomizantes nas quais também o povo ganharia sua parcela de responsabilidade pelos acontecimentos.



Quebra da Bolsa de NY em 1929

Assim sendo, os mecanismos de produção cultural, ou nesse caso, mecanismos de formação de um discurso que fomentasse ou não a guerra e a maneira como ela seria estudada, autoriza-nos a pensar que a produção historiográfica de até então não dava mais conta de satisfazer todos os questionamentos. Os objetos culturais e sua construção e difusão, como também os meios de recepção não mais isolados ou separados em duas classes, interagem. Dessa forma, a pretensão de estabelecer em definitivo relações culturais exclusivas de culturas específicas ou de grupos sociais particulares é refutada. As práticas culturais ou as normas de convivência, em todos os sentidos, formam padrões de vida cotidiana, ou discursos, e, por sua vez, todas as significações e símbolos que as práticas tencionam, formam as representações (CHARTIER, 2002). Práticas e representações culturais estão sempre se complementando, interagindo e estão numa via de mão dupla: representações geram práticas e práticas geram representações.

Os símbolos, extremamente subjetivos, há muito já estão amadurecidos entre as Ciências Humanas, seja na História, na Antropologia, na Sociologia ou na Psicologia. Para a Ciência Histórica, a validação de empregar esse conceito deve ser considerada quando remetido a um sistema de valores subjacentes, remetidos à comunidades praticantes de algo comum. Vale salientar que os símbolos podem ser, e na maioria das vezes os são, polivalentes. Ou seja, representam mais do que parecem representar, como metáforas. Mesmo que de uma forma abstrata dêem consistência às práticas e representações culturais nas sociedades.

Todavia, não é, ou não é mais possível pensar o saber histórico, instalado na ordem do verdadeiro, nas categorias do “paradigma galileano”, matemático e dedutivo. O caminho é então forçosamente estreito para quem pretende recusar, ao mesmo tempo, a redução da história a uma atividade literária de simples curiosidade, livre e aleatória, e a definição de sua cientificidade a partir apenas do modelo de conhecimento do mundo físico. Em um texto ao qual se deve sempre retornar, Michel de Certeau formulara essa tensão fundamental da história. Ela é uma prática “científica”, produtora de conhecimentos, mas uma prática cujas modalidades dependem das variações de seus procedimentos técnicos, das restrições que lhe impõem o lugar social e a instituição de saber onde é exercida, ou ainda, das regras que necessariamente comandam sua escritura (CHARTIER, 2002: 99).

Todos estes caracteres estão diretamente ligados às relações de poder, coletivas ou individuais, estabelecidas por nós, indivíduos agentes históricos, logo sociais (BARROS, 2005). Dessa maneira, tencionamos verdadeiras guerras de representações mais do que imaginamos, sendo constantemente travadas no nosso universo de sociabilidade e mobilidade, onde muitas culturas são fundidas, difundidas ou transformadas devido à apropriação que fazemos dos elementos culturais existentes ao nosso redor.

Argumentos um tanto complexos, mas que embasaram a nova maneira de conceber a história por pesquisadores de todo o mundo, que não se contentavam mais com os velhos paradigmas e modelos que não subsumem as categorias sociais presentes na contemporaneidade. É interessante afirmar que pensamos as coisas inseridas em um modelo, e, é igualmente interessante entender que esses modelos modificam-se.

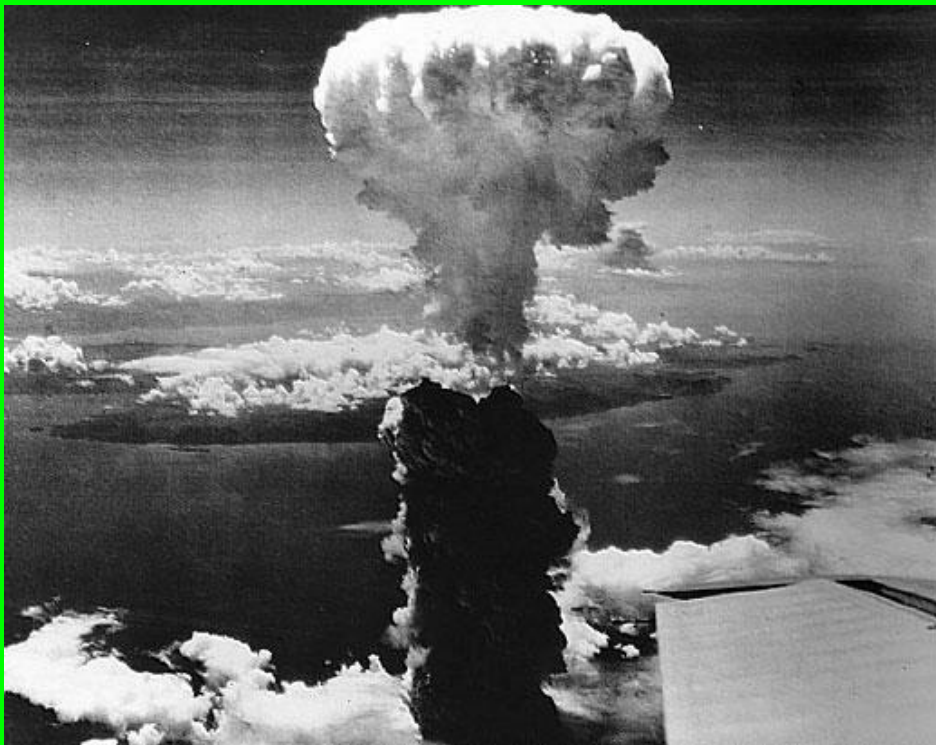
Assim, no limiar de um novo modelo historiográfico, Williams Gonçalves se posiciona na discussão ressaltando que a guerra foi resultado perverso de uma *conjunção de fatores*, e que uma resposta objetiva não contempla a realidade.

Desta forma, o autor abre para uma interpretação “acumulativa”, não concentrando a causalidade do conflito em apenas um fator, partindo desde a crise econômica de 1929 e os ressentimentos despertados pela destruição causada pela mesma, até as mudanças políticas nos países europeus e nos EUA. A partir daí, o autor passa a fazer uma descrição densa sobre os eventos que marcaram o conflito: as alianças, os debates políticos, as diferenças ideológicas, as batalhas, as crises econômicas, os problemas sociais vividos pelos países envolvidos no conflito, dentre outros. Descrevendo os acontecimentos desde a quebra da bolsa de valores de Nova York em outubro de 1929, até a explosão das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki e a conseqüente rendição japonesa em agosto/setembro de 1945 por meio do pronunciamento de imperador Hirohito. Williams apresenta uma rica análise e ampla gama de informações daquele que foi o maior conflito bélico da história, como os historiadores perceberam este marcante acontecimento do século XX. Por esse motivo a escolha desta obra para nortear o estudo.



Hitler em passeata na Alemanha durante segunda guerra

Apesar de pontos importantes ressaltados pelo autor no texto, percebemos alguns problemas no âmbito teórico. Ao se ocupar prioritariamente em descrever os acontecimentos do período estudado e apontar as mudanças historiográficas no século XX, o autor não faz uma análise aprofundada nem os problematiza. Elege alguns marcos históricos (como a quebra da bolsa como marco inicial, e as bombas atômicas como marcos finais) e os toma como causa dos que seriam os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial. Assim, o texto se restringe apenas a dar um panorama do contexto histórico da época e apontar quais as conjunturas que permitiram a Segunda Guerra Mundial em várias partes do mundo, assim como o contexto historiográfico e suas mudanças.



Bomba atômica disparada contra Hiroshima e Nagasaki, em 1945

Acreditamos que uma abordagem menos causalista, que ao menos permitisse uma abertura macro para se compreender os acontecimentos históricos, e que se amarrasse menos nos grandes acontecimentos, seria mais interessante e contemplaria melhor o objeto de estudo em questão. O historiador que se limita a ver a história por meio dos grandes feitos e da ação dos grandes homens certamente faz uma história amputada pela metade.

Ressaltamos, ainda, que seria importante complementar a leitura do texto de Gonçalves com outros estudos referentes a esta mesma temática, como os do historiador inglês Eric Hobsbawm. Uma leitura plural pode trazer novas visões e perspectivas para a reflexão do que foi a Segunda Guerra Mundial, contribuindo para o pensar, para o questionar, para a desconstrução e construção do saber histórico no século XX, século esse que marca a crise paradigmática pela qual passamos e até hoje estamos, originadas por diversas transformações sociais e culturais.

Referências Bibliográficas

BARROS, José D'Assunção, *A história Cultural Francesa – Caminhos para investigação*. In. Revista de história e estudos culturais – FÊNIX. Out. nov. dez. 2005, vol. 2, ano II, n. 4. www.revistafenix.pro.br

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

HOBBSAWM, Eric, *A Era dos Extremos*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.